

# O COMÉRCIO DA AJUDA

QUINZENÁRIO ANUNCIADOR, LITERÁRIO, NOTICIOSO E DEFENSOR DOS INTERESSES DA FREGUESIA DA AJUDA

Administrador: J. A. SILVA COELHO

Director: ALEXANDRE ROSADO DA CONCEIÇÃO

Editor: ANTONIO DE CAMPOS AÇO

Propriedade da Pap. e Tip. GRAFICA AJUDENSE, C. da Ajuda, 176, Telef. B. 329

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Redacção, Administração, Composição e Impressão:  
CALÇADA DA AJUDA, 176 - LISBOA

A «Guitarra do Portugal» o mais velho jornal da Canção Nacional, acaba de completar 12 anos de existência. Superiormente dirigido por Linhares Barbosa, tem sabido impôr-se sem desfalecimentos, na cruzada que encetou há bastantes anos. Só no espírito forte como o daquele nosso querido amigo e apreciado poeta, poderia levar a bom porto uma nau tão difícil de timonar. Ao apreciado colega, apresentamos os nossos cumprimentos e o desejo de que conte muitos mais anos de existência.

COM 10 anos de idade, fez exame de instrução primária obtendo distinção, o menino Diego António de Almeida e Vasconcelos, filho da Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Judite de Almeida e Vasconcelos e do ilustre advogado Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. José de Almeida e Vasconcelos, a quem enviamos o nosso cartão de parabéns.

A Rua das Mercês, encontra-se quasi intransitável visto o pavimento se encontrar completamente cheio de pedras. Pedimos providências à nossa Câmara Municipal.

ENCONTRA-SE bastante doente o nosso prezado amigo António Marques, distinto enfermeiro da G. N. R. Todos que neste jornal trabalham, fazem ardentes votos pelas suas melhoras.

VOLTAMOS a chamar a atenção da Câmara Municipal, no sentido de ser retirado do Largo da Paz, o mictório que ali existe, transferindo-o para outro local mais distanciado das habitações.

UM grupo de 500 mulheres inglesas, quasi todas viúvas e mães de soldados caídos nos campos de batalha da Flandres, partem hoje para França, a fim de visitar os cemitérios dos soldados mortos na Gran Guerra.

## A AGUA DOS POBRES

Publicou o nosso colega «O Século» de quarta-feira passada um interessante artigo, que por ser duma flagrante oportunidade, com a devida vénia respigamos alguns períodos:

«O critério do *Século*, em relação ao fornecimento de água à população de Lisboa, não é de hoje nem de ontem. É tão antigo, pelo menos, como o problema, representado por essa questão de primordial interesse público. Entende este jornal que um agregado urbano como a capital portuguesa não pode prescindir de excelente e abundante água, fornecida à sua população em boas condições higiénicas e a um preço ao alcance de todas as classes. A água não pode representar para quem a consome, isto é, para toda a gente, um encargo incomportável, que contribua para o encarecimento da vida e dificulte o seu uso, porque desde que tal suceda, as condições sanitárias da cidade não podem deixar de se agravar, com grave perigo social, difficilimo de remediar.

Tanto direito têm ao uso abundante da água, que é a hygiene e a saúde, os ricos como os pobres. E, se é certo que quem a fornece, sociedade particular ou entidade official, não a pode fornecer perdendo, não o é menos que esse serviço público não pode nunca transformar-se em fonte de lucros ilicitos ou excepcionais, colhidos á custa de tarifas excessivas que as circunstancias não justifiquem e que, de qualquer forma, possam confundir-se com a extorsão. Tudo tem os seus limites e o comércio da água não pode furtar-se a essa regra fundamental e inalteravel. O encarecimento dum género, dum artigo, dum produto ou dum elemento indispensável à vida ou à comodidade gerais só é de admitir quando se dêem condições ou ocorram factos, que plenamente o justifiquem. Ter-se-ão dado esses factos depois da assinatura do contrato, que presentemente regula o fornecimento de água à cidade de Lisboa?

Citámos a opinião expressa do Governo, à data da assinatura do referido contrato. Entendeu-se nessa altura que marcar um consumo mínimo para os contadores de ar livre era impor às classes menos abastadas um pesado encargo, que iria agravar-lhes sensivelmente a existência. Era transformar a água dos pobres num produto quasi inacessível e, por consequencia, reduzir o número dos consumidores, grande parte dos quais ficaria inibida de a ter em sua casa, por não poder pagar não só a água que consumisse, mas ainda aquela que deixasse de consumir, por não precisar dela. Ter-se-ão modificado as circunstancias que levaram o Governo a adoptar nessa ocasião esse justo e sensatissimo critério? Todos nós sabemos que não.

(Conclui na 2ª página)

ENCONTRA-SE quasi restabelecido da operação a que foi sujeito, o Sr. Ildefonso Moreira Carvalho, filho do nosso amigo Sr. João Moreira Carvalho.

— Tem passado bastante incomodado de saúde, o Sr. João de Brito, irmão do nosso amigo Humberto Brito.

Fazemos ardentes votos pelo seu completo restabelecimento.

ABSOLUTA falta de espaço obrigou-nos a só focar, no artigo sobre Assistencia Infantil publicado no último número, o nome do nosso amigo Sr. António Lopes Marques, mas se o fizemos foi somente por esse motivo, e, nunca por pretender-mos incensar um unico individuo, em detrimento dos seus valiosos colaboradores.

DA Secção de Beneficencia do «Núcleo de Cultura Intelectual», recebemos uma senha destinada a um pobre nosso protegido, para o bodo a efectuar no próximo domingo 12 do corrente.

Em nome do contemplado os nossos agradecimentos.

UM grupo de rapazes da nossa freguesia, animados por Noé Pacheco fundaram há um ano o «Sporting Club Boa-Hora» e já hoje conta no seu activo, bastantes vitórias. Daqui incitamos os jovens jogadores, a que pro-sigam na sua cruzada, para bem servir a causa desportiva nacional.

EFFECTUOU SE no passado domingo, 29, o casamento da Sr.<sup>a</sup> D. Ester da Silva Farinha, filha do nosso dedicado amigo Sr. João Eduardo Farinha, com o Sr. José Azevedo. Aos noivos, desejamos uma prolongada lua de mel.

CHAMA-MOS a atenção do comandante da nossa esquadra de policia, para o enorme barulho feito por alguns cães que existem próximo dos terreiros que separam a Travessa de Paulo Martins do Largo da Memória.

**LIBANIO DOS SANTOS**

VINHOS E SEUS DERIVADOS  
RECEBIDOS DIRECTAMENTE DO LAVRADOR  
TABACOS E COMIDAS

206, Calçada da Ajuda, 206 — LISBOA

Sucursal: Rua das Açucenas, 1 (antiga casa do Abade)

**ANTONIO ALVES DE MATOS, L.<sup>DA</sup>**

Rua das Casas de Trabalho, 177 a 183

LISBOA

GENEROS ALIMENTÍCIOS DE BOA QUALIDADE  
AZEITES E CARNES DO ALENTEJO

**A ÁGUA DOS POBRES**

(Continuado da 1.ª página)

A vida das camadas sociais que vivem do seu trabalho exaustivo de todos os dias e de todos os momentos, mal ganhando para o seu sustento, para a sua habitação e para o seu vestuário, não melhorou. Os salários não aumentaram. Os ordenados do funcionalismo público e particular não sofreram melhorias e talvez em muitos casos tenham sido cerceados. Os alimentos, os tecidos e tantos outros géneros e artigos, que a existência das sociedades civilizadas não dispensa, em geral, encareceram. Logo, o critério primitivo do Governo não tem bases sólidas para se modificar, para se situar no polo oposto. Antes pelo contrário. Os proletários, a gente miuda, as camadas populares e grande parte das classes médias, muito longe de suportarem novos e esmagadores encargos, reclamam medidas sábias e ponderadas que os aliviem dos sacrifícios que presentemente fazem para se libertar da miséria que de todos os lados os espreita.

Diz-se, com uma inconsciência, que contende com as mais reconditas fibras da sensibilidade humana, que para aqueles que não possam pagar os três metros cúbicos de água, que se pensa em lhes fazer consumir mensalmente, há os chafarizes públicos, que fornecem água de graça a quem quizer utilizá-los. O argumento não é apenas malevolente. É fundamentalmente cruel. Pretende-se, ao aduzi-lo, fazer regressar as classes trabalhadoras e a gente pobre da capital aos tempos longínquos das águas livres, forçando-as a passar horas e horas, em longas e intermináveis bichas, ao sol e à chuva, em roda dos raros marcos fontenários parcimoniosissimamente espalhados pela cidade, à

espera de vez para encher as suas bilhas com um liquido que nem sempre sai abundante e regularmente das torneiras municipais. O egoísmo humano adquire todos os dias novas formulas e inesperados meios de exteriorização e de expressão. Esta é, porém, das mais impressionantes.

Adopta-lo, pô-lo em prática, transformar os chafarizes da capital em fornecedores quasi exclusivos das camadas populares seria decretar contra elas uma condenação de tal ferocidade que não condiz com os tempos em que vivemos. Reveste-o uma tal falta de generosidade, que dir-se-ia pretender-se transformar a água de Lisboa num produto de luxo, de que só os abastados e os ricos teriam o direito de se utilizar. Temos a impressão, e já a temos manifestado por mais duma vez, que os exploradores de serviços públicos, mais ou

menos monopolizados, entendem que não podem manter esses mesmos serviços senão á custa do sangue de quem é forçado a utilizá-los. A orientação, várias vezes manifestada, de que os consumidores de água têm o dever de a pagar por preços exorbitantes, sob pena de serem forçados a abster-se de a utilizar, assume as proporções do desvairamento. Corrigi-la é uma necessidade instantânea. A população de Lisboa não pode sancioná-la com a sua passividade ou com a sua santíssima resignação.

O fornecimento de água á capital portuguesa não pode constituir uma fonte de lucros exagerados. Encarecê-la é restringir o seu consumo e restringir-lhe o consumo é agravar ao máximo as condições higienicas dum burgo, cujo asseio, exactamente por a água ser cara e nem sempre abundante, é já tudo o que pode haver de mais caro. E' para isso que tende a projectada imposição do consumo mínimo de três metros cúbicos por mês a quem quer que tenha em sua casa um contador de ar livre? Tudo parece indicá-lo. Não se repara, porém, nos efeitos contra-productentes dessa exigência, nem na impressão desgraçada que ela produziria naqueles que tivessem de a suportar. Pois é pena! Reconsidere-se. Ainda é tempo para isso. As camadas populares de Lisboa não vivem hoje mais desafogadamente do que viviam há dois anos. Não podem, por consequência, pagar mais água do que pagavam então. E, quanto aos chafarizes publicos, deixem-nos cumprir generosamente a sua missão, que consiste em dessedentar os transeuntes, que não têm com que pagar as águas finas dos garrafões, quando a sede os atormenta. E não há duvida de que nem sempre a desempenham cabalmente, por falta de matéria prima. . .

**JARDINS**

No nosso último número, referimo-nos ao estado lastimoso da nossa freguesia, ao abandono a que foi votada, quanto á sua hygiene. Porém, sentimo nos satisfeitos por poder hoje agradecer a quem, ouvindo os nossos clamores, tam prontamente resolveu no sentido das limpezas serem feitas durante a noite.

E visto que o nosso pedido foi prontamente atendido, ousamos formular outro, também de grande importância.

A nossa freguesia não possui um jardim. Todos os que por aqui habitam, os que mourejam durante um dia inteiro, os velhinhos já impossibilitados, as crianças e até as mulheres, carecem de se distrair um pouco e como são raros os que podem recrear se em praias, torna-se de grande utilidade a criação de jardins, que ficariam muito bem localizados nos terrenos anexos á igreja da Memória e Largo da Ajuda.

Afigura-se nos que a nossa Câmara, não dispenderia muito dinheiro para realização de tal melhoramento e o povo da nossa pacata freguesia, decerto lhe saberia agradecer congnitamente.

**Santos & Brandão**

CONSTRUCTORES

Serralharia \* Forjas \*\* Caldeiraria  
Soldadura a autogénio

Rua D. João de Castro, 28 (Rio Sêco)

TELEFONE B. 207

**Farmácia Mendes Gomes**

Director técnico JOSÉ PEDRO ALVES, Farmacêutico Químico

CONSULTAS MÉDICAS pelos Ex.<sup>mos</sup> Srs. Drs.

VIRGILIO PAULA - Todos os dias ás 17 horas  
PEDRO DE FARIA - Terças-feiras ás 10 horas - sábados ás 9 horas  
ALVES PEREIRA - 4<sup>as</sup> feiras ás 9 h.  
FRANCISCO SEIA - Quintas-feiras ás 0 horas

Serviço noctu no às segundas-feiras

Calçada da Ajuda, 222 - LISBOA - Telef. B. 456

# A Festa de OS CAPRICHOSOS

No passado dia 23, realizou-se nas salas do Belém-Club, a anunciada festa de confraternização entre as famílias e antigos sócios da extinta Troupe Musical «Os Caprichosos».

Esse festival, que bem se assemelhou áqueles que outrora se efectuaram na antiga colectividade que teve a sua sede na Rua de D. Vasco, começou por algumas palavras pronunciadas por Casimiro Janeiro, que recordou com saudade, os laços de verdadeira amizade que durante bastantes anos uniu os componentes do Club desaparecido, sendo escutado no maior silêncio. No final, a numerosa assistência, tributou-lhe uma grande ovação.

Seguiu-se Alexandre Rosado, que também se referiu á solenidade da festa, agradecendo á dignissima Direcção do Belém-Club, a forma gentil como acolheu o pedido feito da cédência das suas salas e que sem essa colaboração, seria impossível levá-la a efeito.

Depois dos discursos, uma distinta orquestra, executou o hino dos «Caprichosos» que a assistência levantando-se, coroou com uma prolongada salva de palmas e vivas. Foi um momento apoteótico, vendo-se humedecer alguns olhos, de comoção. Eram bem as lágrimas de saudade, pela colectividade que tanto prezaram.

Seguidamente, deu-se início ao Sarau.

O primeiro número, constou de variações de guitarra.

Depois, apresentaram-se os pequenos dançarinos Maria de Lourdes e Eduardo Pais Mendes, que executaram a rigor algumas dansas modernas, recebendo no final, fartos aplausos.

O apreciado amador Agostinho Costa, prendeu a atenção dos assistentes durante bastante tempo, com o seu reportório muito escolhido e maneira de dizer, alcançando grande ovação.

A seguir, Joaquim Pimentel, que é hoje considerado sem favôr, o melhor cantor de tangos, faz ouvir a sua linda voz, sendo obrigado a bizar alguns números e pena foi que não se pudesse demorar mais algum tempo, como era desejo de todos que o ouviram.

Seguidamente apresenta-se o maior ventriloquo que tem pizado palcos portugueses. Tratava-se de «Carlitos», o artista que na época passada no Coliseu dos Recreios, alcançou o maior triunfo. A apresentação dos seus bonecos, despertou hilariedade em todas as pessoas que assistiam ao sarau. É um artista português, que para fazer nome, não necessitou de grandes réclames. No final dos seus interessantes trabalhos, algumas pessoas, ficaram na dúvida se seria ele, ou os bonecos, quem falava e cantava, tal foi a perfeição dos números.

Faz a seguir a sua apresentação, o conhecido e estimado artista bailarino «Erasto» que se fez acompanhar da sua discípula, a gentil «Nelita» e que pela primeira vez, apresentaram o difficilimo bailado «O Trapeiro». Foram colossais em todos os números, salientando-se porém naquele a que fazemos referência, pela sua originalidade e grande técnica. Os merecidos aplausos que ambos receberam, foram bem a prova do quanto são apreciados.

Depois, foram apresentados dois alunos da Escola Araújo Pereira: D. Olga Coutinho e o nosso dedicado amigo Calado Ramos, o grande *diseur* daquele agrupamento artistico, que além doutros números, recitou duas lindas poesias do nosso querido colaborador Sr. Alfredo Gameiro, sendo no final, fartamente aplaudido.

Todos os números de palco, foram intervalados com baile, que terminou alta madrugada.

As opiniões foram unânimes em tecer rasgados elogios á iniciativa da realização desta festa, que ficará memorável.

Ali compareceram «caprichosos», a quem já há anos, não tínhamos o prazer de cumprimentar, visto alguns d'elles, terem saído da nossa freguesia. Foram recebidos alguns telegramas de saudação, destacando-se de entre elles, os que foram enviados pelos Srs. comandante geral da Marinha Mercante Abilio Piçarra, Tenente Carlos Marques e Jerónimo André Lourenço, que lamentavam, como velhos «caprichosos», não poderem assistir á sua festa, fazendo no entanto votos, para que os antigos componentes, se continuem a estimar, como até aqui.

## Sociedade Recreio Ajudense

Desempenhada pelo seu grupo dramático, levou esta colectividade á cena, na passada quinta-feira, a peça policial «20.000» Dollars».

A peça é sobejamente conhecida, e alcançou há duas dezenas de anos, pelo seu valor moral e cultural, um merecido exito no teatro público, mantendo ainda hoje, apesar de pertencer a outra época, o interesse da sua acção curiosa e empolgante.

Não nos permite o reduzido espaço fazer, no presente número, uma apreciação critica da montagem, encenação e interpretação da peça.

Limitar-nos-hemos a dizer que a representação de «20.000 Dollars» constituiu um espectáculo agradável, e a manifestação de um esforço consideravel muito para louvar.

A lamentar, apenas, que a assistência não encheu completamente a casa — que o espectáculo merecia-o.

Cumpre-nos felicitar a Direcção da Sociedade Recreio Ajudense, incitando-a a promover periodicamente espectáculos com as características do de quinta-feira passada.

## AGENCIA MIGUEIS

FUNERAIS E TRASLADAÇÕES

Calçada da Boa Hora, 216 - LISBOA

TELEFONE BELEM 367

## CERAMICA DE ARCOLENA

DE

J. JORGE PINTO

Azulejos e louça vermelha — — Faianças artisticas  
Canalizações de barro vidrado

Rua das Pedreiras, 4 — Arcolena

## Os bons vinhos da Região de Mafra:

Cheleiros, Carvalho, etc.



MARCA - MOSTEIRO DE MAFRA

vendem-se nos estabelecimentos dos  
**RESINAS**

Rua do Cruzeiro, 101 a 117  
R. da Junqueira, 293-B a 293-D  
Calçada da Tapada, 47 a 53

Calçada da Ajuda, 212 a 216  
Calçada da Ajuda, 154 a 156  
Largo 20 de Abril (Calvário), 1

Se quereis fazer as vossas compras em boas condições, ide fazê-las nos estabelecimentos de

## FRANCISCO DUARTE RESINA

R. do Cruzeiro 101 a 117, Telef. Belem 551, ou Calçada da Ajuda, 212 a 216, Telef. Belem 552 (antiga Merceria Malheiros)

que ai encontrareis um bom sortido de géneros alimentícios de primeira qualidade, e muitos outros artigos por preços módicos; e a máxima seriedade comercial.

Até menos a título de curiosidade faz-lu na v'l'a áqueles estabelecimentos, para vos certificardes da verdade, que o seu proprietário agradece

## FARRAPOS HUMANOS

A mística, a cabal «necessidade de compreensão» para determinados assuntos que se aglomeram apaixonadamente em um cérebro, afeito a apreciações desmedidamente vantajosas para o orgulho hereditário dum ser inócio e irresoluto, dá-nos categoricamente uma suave impressão de grandeza, de entusiasmo e interesse, puramente tranqüilo e belo.

Interessa-me grandemente, os assuntos cujos tenebrosos e insuperáveis rodéos, encerram.

Talvez, porque essa imperiosa «necessidade de compreensão» seja o principal factor da vida «móno-maniaca» do homem inculto. É que na mór parte dos cérebros se debate sibilino e energicamente o insofismável, senão jurídico voto de compreensibilidade.

Mercê de causas emergéticas interiormente suscitadas no seio amplo de uma alma forte, a nitidez dum assunto, a compreensão dum caso momentaneamente explicado e sem deteriorações mesquinhas, o misticismo supérfluo e salutar conquistando com uma exuberância de domínio a nossa admiração, dão-nos a realidade intangível de um caos vergonhoso e imensamente desprezível.

Posto que seja, para mais nitida compreensão do que deixo escrito, as lutas recentemente suscitadas na Alemanha — o desenrolar dos acontecimentos, diariamente narrados nos jornais de grande e pequena expansão de quasi todos os países, mostra-nos sucintamente representados em grandes caracteres, a incompreensibilidade de um assunto que ao Mundo, grandemente está interessando — a Guerra.

Sim, porque é a guerra que faz «guerra» á Paz! Falemos portanto nela, e deixemos a Paz, que nós desejavamos... em paz!...

\*\*\*

Após a guerra de 1914-1918, o homem, como que inspirado por um sentimento obscuro e trágico tratou de, tardiamente já, remudar os pensamentos funestos que se lhe juntavam no cérebro, trabalho e gesto.

O ódio á justiça, a perseguição, nefasta e impura que foi ao encontro das idéas, o intempestivo e orgulhoso desprendimento de vinganças, a luta, a sede voluntária para a aquisição de novos apetrechos de guerra e a imp-receivível audácia, oposta ao gérmen fictício e incorrupto da sociedade de outão, ofuscou resolutamente a benéfica

atitude que o homem queria fazer retrotrair — para com os efeitos mór-bidos saídos do cérebro.

Alheio a distinções quasi que indestrutíveis, ele criou em redor da sua própria imaginação uma intensa vontade de vencer, de derrubar e aniquilar a propaganda, consciente dos seus efeitos metafísicos.

Tornou-se feroz, combativo e mole-rado; mostrou aos outros homens — aos que, somente, procuram compreender a síntese directa dos casos — quão enorme era a força de imaginação de que se julgavam dotados. O ferro, a pólvora, a madeira e os acidos, a vontade, o orgulho, a força e a disciplina, eram por assim dizer os lóces «obstáculos» para a realização dos seus fins.

E, passados já dezasseis anos sobre esse cataclismo enorme que abalou o Mundo inteiro, um ténue clarão s-divisa ao longe, trágico, m-donho e acabrunhante, mostrando-nos tristemente que, temos a Paz estabelecida... se bem que ela nunca existiu.

A França, Inglaterra, a Austria e a Alemanha, concorrem poderosa-

(Conclui na página 6)

## Farmácia SOUSA

C. da Ajuda, 170  
Telefone B. 329

### Consultas

pelos Ex<sup>tes</sup> Srs. Drs

### CARRILHO XAVIER

Partos, doenças das mulheres, Clínica Geral

TODOS OS DIAS ás 15 horas

### MEDINA DE SOUZA

Clínica de Hospitais  
Coração Pulmões  
Clínica Geral

TUDO OS DIAS das 17 ás 19 h.

Serviço nocturno ás 24 horas

## MERCEARIA CONFIANÇA

Verdadeira selecção em todos os géneros de primeira necessidade.

## DE João Alves

CALÇADA DA AJUDA, 95 A 97 — LISBOA

Nesta casa também se vendem os famosos VINHOS DE CHELEIROS (Maia)

## O PUBLICO E OS ACTORES

No nosso país não há regulamento teatral. Actores e público caminham ao acaso, à mercê das suas vontades e dos seus caprichos, sem que entre aqueles e este se interponham deveres que marquem o lugar de ambos.

É uma das características da gente civilizada, a atitude que público e actores adoptam, quando se defrontam. Sabe o espectador, quando transpõe as portas do teatro, quais os deveres que se lhe impõe, quais os direitos que pode gozar? Em Portugal não se sabe.

Sabe o actor a situação em que tem de se colocar, erguido que seja o pano, a respeito desse mundo ás vezes tão incompreensível, que se chama o público?

Também o não sabe. Esta lacuna de cultura moral seria extremamente inconveniente, em terras onde, o que se convencionou chamar «civismo» e a que nós chamamos educação social não é palavra perdida; mas em rincão europeu, como é o nosso país, a questão assume um aspecto grave e perigoso, porque infelizmente a cultura é por tal forma negativa, que a insuficiência legal não enco tra refúgio no que o bom senso e a illustração estipulam naturalmente.

A fórmula portuguezissima de «paguei o meu dinheiro» com que a nossa gente costuma tapar a boca dos que a censuram por descomedimentos ou grosserias, tem servido a explicar e até a justificar actos em que a descortezia do público toca os extremos da mais censurável disposição.

E o actor habituado já a este costume inveterado de exteriorizações estridulas que tanto o podem apoucar, como engandecer, descamba em maneiras e expande-se em processos que não nos é difícil ter a impressão de que a luz da ribalta não separa o comediante do assistente!

Partindo deste estado de coisas, tudo é possível na cena e na plateia. E, para isso, escusamos de sair da normalidade da representação. Em circunstâncias vulgares, é frequente ver o artista procurar gestos que sabe de antemão, que furtificam no agrado do público, não se preocupando que isso lhe não seja indicado pelo papel.

Doutras ocasiões permite-se empregar palavras suas, ou porque não ouviu a tempo o ponto, ou porque entendeu que a frase produziria mais efeito depois de «tombada» pelo seu critério. E o público, porque não conhece de leitura a peça, ou porque a

conhece, mas acha assim melhor, ou aplaude, sem o mais pequeno sistema de respeito pela obra do autor. Sanciona deste modo um lamentável arrôjo por parte de quem o não pode ter e abre o caminho ao arbitrio e à deturpação.

E, caso estravagante, são precisamente estes actores, momentaneamente autores, os que mais afectivamente entram no acolhimento das plateias, deixam de obedecer a rubricas e a técnicas para só procurarem dirigir-se ao público, como que a contrascenar com ele.

Agora o espectador. Aqui pararemos um pouco para assinalar o duplo aspecto de relações de espectador para espectador e do espectador para a cena.

Observemos em primeiro lugar a ausência de consideração em incomodar os que ocupam os seus lugares a tempo, só para que não vejam alteradas as horas das suas refeições cotidianas. Este público é em geral o que se classifica de bem educado. É o que janta muito tarde, tem muitos criados e é levado ao teatro num Fiat, ou em carruagem fôfa, puxada por exempla-

(Conclui na página 7)

O Fabião esteve quasi a deixar-se dominar por um daqueles acessos violentos, de que era susceptível quando se irritava; mas, perante a ameaça da rapariga, ele, que sempre fugira a intervenções da justiça, nos seus negócios, teve no estreitamento de coragem. Reflexão um instante, e depois, procurando deitar água na fervura, replicou com tom melindoso e com affectada serenidade:

— O rapariga, deixa lá a justiça em paz, que não precisamos dela para nada. O mal está feito... vamos a ver que remedio se lhe pode dar.

E acrescentou, pondo-lhe paternalmente a mão no ombro:

— Não chores... e vai lá onde tens de ir. Depois conversamos.

A Adalina não esperou que ele repetisse a concessão. Voltou costas e saiu, sem protesto da D. Eufrásia, que durante esta curta cena se conservara silenciosa, de olhar parado e como que ensandecida.

Após a saída da criada, os dois esposos, sentados um em frente do outro, discutiam a solução do grave acontecimento, não sem que por vezes se repriminassem e mutuamente atribuissem culpas e responsabilidades.

— Posto tu quem me lucitas a deixá-lo á vontade.

— Pois sim... contudo devias tê-lo vigiado. Afinal era de prever.

Mas o Fabião, acabando por se conformar com o facto consumado, tanto mais que o excesso de carinho pelo filho, o impedia de assumir qualquer attitude violenta que magoasse o rapaz, sentia-se disposto a perdoar-lhe o desvario, a transgír em tudo com a Adalina, a aceitar enfim as consequências dum crime que a sua imprevidência não soubera evitar.

O pior é que mais graves preocupações trazia ao espirito da D. Eufrásia, era que o Júlio, despertada a sensualidade por aquela primeira conquista amorosa parecia agora resvalar num declive escorregadio de aventuras fáceis, que o levavam a repetidos saques á carteira do pai.

Além disso, que já não era pouco, havia-se apaixonado por toda a classe de desportos. No convívio com vários rapazes endinheirados da mesma idade, e no desejo de ombrear com eles, era se pavoneava nas ruas da baixa, montando um cavallo comprado por bom preço a qualquer alquilador sem escrúpulos, era empregava o tempo em digressões ao campo, armado e apetrechado para longas caçadas sem proveito, como por vezes passava dias e noites no mar, a pretexto de pescas, donde regressava com as mãos vazias.

O que lhe dava certa notoriedade, em qualquer desses divertimentos, era o apuro das folhetes, confecio-

nadas pelos alfaiates da moda, e os brilhantes que lhe luziam nos dedos e na grãta.

Este procedimento regular do filho, começou a preocupar de certo modo o Fabião.

Aquilo assim não ia um, e, se não puzesse termo aos desgastamentos do rapaz, dentro de algum tempo poderia sumir-se, no vazio de tantos esbanjamentos, o adquirido no comércio deouras, e aumentado á custa de tantos trabalhos e sevas economias.

Demais a mais os géos da casa haviam-se avolumado, porque a família saíra no número dos seus componentes. Poucos mezes depois da cena com a criada, esta cera ao mundo uma bonita menina, que logo a parteira declarou parecia com o pai, e que outros achavam notável semelhança com a avó, e que algumas vizinhas afirmavam ser o retrato do avó.

Como sempre, em casiditicos, quem ficava inteiramente posta de parte era o côro louvaminheiro era a mãe. Tratava-se duma sena, e ninguém osaria dizer que com ela tinha parecias a descendente dos donos da casa.

O certo era que a pomena se ia tornando deveras interessante, e não tardou fosse o at Jesus dos avós, que o encliam de mimos e cercavam de cuidados. E o pai, nos intervalos das suas excursões náuticas e venatórias, também para com elzinda desvelos reveladores de quanto a adorava, a passava cada vez mais se albeir da Adalina, com quem não matinha relações além das habituais entre patrões e criados.

Por sua parte, ela parecia de maneira idéntica. Dir-se-ia mesmo que renhiera às vantagens que a sua especial situação naquellas lhe poderia garantir, e achava cómodo este modo de vida, sem preocupações aérias de nenhuma espécie, nem mesmo com a filha, entregue aos cuidados da mãe — com boa mesa e melhor ordenado, e em todas as semanas largas horas de des-

canso, ou de gáudio, com os seus parentes da Penha de França.

Ora estavam as consas neste pé, quando o Fabião travou relações com certo individuo aparentando ser pessoa de fortuna e ter largas vistas no tocante ao comércio dos couros. Dizia elle por vezes:

— É lamentavel que o amigo tenha gasto a sua vida metido nesta baúca, sem procurar tirar do negocio todo o proveito.

— O que possuo... aqui o ganhei — respondia o Fabião. — E felizmente tenho a vida desfagada.

Pois com isso mais razão mo dá. Se aqui, nesta lojinha de má-morte, os lueros têm sido avultados, calcule o que não seria se tivesse alargado a sua esfera de acção. O amigo conhece o ramo e é homem activo. Nas suas mãos, um estabelecimento do genero, em larga escala, montado em ponto central de Lisboa, era caso para realizar uma enorme fortuna em poucos anos.

O Fabião não sentia o anseio dos grandes vãos, mas deslumbrava-o a perspectiva duma empresa que lhe depletasse os haveres. Por isso respondia ao seu interlocutor com affectada modestia, mas sem dissimular o sorriso guloso que lhe aflorava aos lábios.

Ainda está a tempo, homem! — insistia o outro. — Se você quizer associar-se comigo, garanto-lhe que não havia de arrepender-se.

E num fervoroso incantamento: — Resolva-se, homem!... Quando eu tiver liquidado a herança que estou para receber, disponho ai dumas três ou quatro dúzias de contos, e entrego-lhos de boa vontade!... Verá... Verá!

E tão estonteadoras promessas fez, tais consas disse, tal influencia conseguiu no animo do Fabião, que este resolveu um dia levar a effecto a fantasiosa tentativa do nosso amigo. Era preciso para isso adquirir uma loja em ponto de grande movimento, decorá-la com gosto artísti-

co, meter-lhe nas prateleiras um importante e variado fornecimento dos mais modernos e aperfeiçoados artigos da especialidade, estabelecer de começo os preços que pudessem vantajosamente concorrer com os de todos os estabelecimentos congêneres, e os compradores afluiriam, trazendo ao felizes negociantes uma verdadeira torrente de dinheiro.

Para uma casa montada em tais condições impunha-se a admissão do pessoal de confiança, e o Fabião entrou a maneira de conseguir desviar o Júlio da vida inconveniente que levava, colocando-o á testa de algumas das secções, onde, preso pelos próprios interesses, se habituaria ao trabalho regular que o mortigerasse. Foi mais uma esperança a impulsão-lhe para a arrojada empresa.

Paraceu-lhe, porém, conveniente, na idea de apurar capitais, e poder de modo eficaz exercer depois efectiva vigilância sobre todos os negócios da nova casa, desfazer-se da loja de Alcantara, onde, de resto, naquella altura as vendas fraquejavam.

E foi o que fez, assim que o amigo e futuro associado

(Continúa na página 7)

## Nova Padaria Taboense

### ANTÓNIO LOPES MAFQUES

Esta padaria está patente ao publico para verem as suas condições higienicas

R. das Mercês, 118 a 128 — SUGUBAL: T. Paulo Martins e Largo da Paz  
TELEF. B. 656 — AJUDA — LISBOA

## Favorita Ajudense

DE J. J. CAETANO

Completo sortido de Fânqueiro, Retrozeiro, Roparia e Gravaria

Artigos Escolares — Material electrico

GRANDES PECHINCHAS — OS PREÇOS MAIS BAIXOS DO MERCADO

167, Calçada da Ajuda, 169

TELEFONE BELEM 456

## FARRAPOS HUMANOS

(Continuado da 4.ª página)

mente para o conflito que, sábios dizem ser inevitável.

Sendo assim, difícil é, analisar correctamente as orações dos antigos combatentes...

\*\*\*

Analizando bem este turbulento e incomodativo caminho que, a custo vamos trilhando, sentimos um ambiente inóspito, repleto de imprecações ofensivas e incondicionalmente apavorantes. Encontramos sempre ou quasi sempre novas repulsas, novos ódios e temperamentos diferentes; achamo-nos envolvidos sempre, no confuso e lugubre emaranhado de correntes politicas que, perpetuarão incontestavelmente o lancinante ambiente de predomínio, de inovação, de guerra. Amesquinham-se os temperamentos fortes; avolumam-se discórdias perturbáveis e produzem-se inovações dum carácter terrível. Os espiritos, alucinados com o preventivo desassociação espalhado, contraem-se; dominadas, por enigmáticas afirmações imerecidas, as idéas dos homens sobrepeem-se e chocam-se.

Pulula a audácia, inconsciente e impura; exhibe-se o trágico e despreza-se o humano. Proclama-se a discórdia e ofende-se a moral — pura e genial deidade que, aos povos deu luz, esplendor e grandeza, socêgo, audácia e coragem para prosseguirem no caminho do Dever e da Honra.

Invoca-se o horrendo, amoniza-se o desagradável e protege-se os que pensam na carnificina.

E, como manifestar-mos o nosso descontentamento, a nossa repulsa

pelo que, de grave em algumas nações se está passando? Como poderemos nós evitar essa formidável hacaombe, que apressadamente estão pr parando, se proporcionalmente ás nossas forças — apenas existe o Nada?

Convergem os pensamentos num ponto que mais tem de monstruoso que de dúvida. Bem claramente, se presente a desgraça, o certo estou de que não vem longe a aproximação real, com efeito deslumbrante dos louros que as nações, estão colhendo.

Joaquim Rodrigues dos Santos.

## LAGRIMAS!...

*Meus olhos que por alguém,  
Deram lágrimas sem fim,  
Já não choram por ninguém,  
— Basta que chorem por mim!*

António Boto.

*Meus olhos que por alguém,  
Lágrimas de dor brotaram.  
Ao recordá-las porém,  
Tristes saudades pagaram.*

*Na vertigem da paixão  
Deram lágrimas sem fim,  
Que importa no coração,  
Um amor palpito, entim!*

*Amor! feitiços contém,  
Nos olhos de quem adora.  
Já não choram por ninguém,  
Quimera que se evapora!*

*No desengano fatal  
Os olhos rezam assim:  
— Para cura do meu mal,  
— Basta que chorem por mim!*

Carlos Inubia.

## Rio Sêco Sporting Club

Esta simpática colectividade que há dois anos inaugurou uma Escola, acaba de levar a exame de instrução primária, três alunos, sendo dois do sexo feminino e um do masculino, que obtiveram distinção.

E' formidável o dispêndio de energias que todos os corpos gerentes têm dado á sua colectividade que a torna merecedora da admiração de todas as pessoas que por ela se interessam e que são bastantes.

A última Assembleia para eleição dos corpos gerentes, deu o seguinte resultado:

Assembleia Geral — Presidente, Antócio Costa Santos; Vice-Presidente, Francisco Nunes Mendes; 1.º Secretário, Alfredo Ferreira; 2.º Secretário, Armando do Rosário de Oliveira.

Conselho Fiscal — Presidente, José Aparicio da Silva; Secretário, André Ferreira; Relactor, Manuel Coelho Nunes.

Direcção — Presidente, Manuel das Neves; Vice-Presidente, Afonso Correia; 1.º Secretário, José Rodrigues Antunes; 2.º Secretário, Jaime Joaquim Moreira; Tesoureiro, António Dias Jorge; 1.º Vogal, Estevam Martinho; 2.º Vogal, Arnaldo Barata de Almeida.

Na mesma Assembleia, foi aprovado, por aclamação, um voto de louvor ao nosso quinzenário, o que sinceramente agradecemos.

Este número foi visado  
pela Comissão de Censura

### TRANSPORTES DO ALTINHO A. A. JERÓNIMO

Sus. de Sebastião dos Santos

Carruças de aluguer para todos os serviços de transportes

Fornecedor de materiais de construção

TELEFONE BELEM 154

Rua das Casas de Trabalho, 109

### José Vicente d'Oliveira & C.ª (F.ª)

Sucessor: FERNANDO ANTONIO DE OLIVEIRA

Fábrica de cal a mato e todos os materiais de construção

33, Rua do Rio Sêco, 33 — LISBOA

TELEFONE BELEM 56

### ANTONIO DUARTE RESINA

154, Calçada da Ajuda, 156

Neste estabelecimento de MERCEARIA, o mais antigo da freguesia da Ajuda onde primeiro se venderam e continuam vendendo os bons

### VINHOS DE CHELEIROS

encontrareis também um bom sortido de géneros alimentícios de primeira qualidade a preços razoáveis

### ABEL DINIZ D'ABREU, L.ª DA



### PADARIA

Fornece pão nos domicílios



55, C. da Memória, 57 - LISBOA - Sucursal: T. da Verbena, 14 e 16

TELEFONE BELEM 520

Trabalhos tipográficos em todos os géneros  
Artigos de papelaria e objectos para escritório

### GRAFICA AJUDENSE

Calçada da Ajuda 176 - LISBOA - Telef. B. 329

### José António Rebelo de Avelar

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Madeiras nacionais e estrangeiras. — Ferro novo e usado — Ferragens. Máquinas agrícolas e industriais — Tubos de tcr o fundido e laminado — Ferragens para construção e marcenaria. Oleos, gazolina, lixa, etc.

Armazem: C do Galvão, 27 - Telef. B. 183

**A. P. BETTENCOURT & SEABRA, L.<sup>DA</sup>**

OFICINAS DE ENCADERNAÇÃO

Encadernações simples e de luxo, tais como livros  
 á antiga, amador e escripturação comercial  
 Copiadores, caixas e pastas para arquivo  
 Armam-se pastas de fantasia e bordadas  
 Envernizam-se mapas

**T. de Paulo Martins, 18**

AJUDA—LISBOA

TELEFONE BELEM 517

**DROGARIA SANTOS**

A casa mais antiga da freguesia, e que mais barato vende

**Drogas, produtos quimicos, tintas  
 de todas as qualidades, sabonetes e perfumarias**

**142, Calçada da Ajuda, 144—LISBOA**

TELEFONE BELEM 220

**O PUBLICO E OS ACTORES***(Continuado da 5.ª página)*

res de cavalaria vistosa, recrutada em caudelarias de nome.

E porque são pessoas cortezes, com muitos servos a obediê-lhes e com motores resistentes de automóveis que percorrem dezenas de quilómetros á hora, chegam sempre *mais tarde!* Estranha contradição. Eu já desisti de ouvir, de maneira a compreender, o primeiro acto de todas as peças de declamação.

Nestas relações do público para o público, temos ainda a notar o comentário insistente e em voz alta a tudo o que se passa no palco e na sala; os trajes opulentos ou caricatos, o *rouge*, mal distendido pelos lábios, o último modelo de calçado, etc. Em *hors d'oeuvre*, a tosse teimosa para que não existam doçuras de rebufados, o bater insistente de tacão para temperar os nervos e o estalido contínuo dos fechos das malas, verdadeiros arsenais de *coqueterie* feminina.

Agora, o espectador e o artista.

Nas cenas de grande relêvo dramático em que a intensidade emocional toma aspectos burlescamente tétricos,

muitos espectadores riem. Nas passagens de maior relêvo declamativo, mal a frase termina, irrompem palmas frenéticas que cortam os efeitos e mutilam o recorte literário.

Isto se dá no drama, isto se dá na opera. Que idea farão de nós os artistas estrangeiros que nos visitam?

A peça X não agradou e o público manifesta-se hostilmente, não com paciada consistente, que seria preferível, mas com dichotes de almanaques e observações de botequim. O actor não gosta e, ou amua, ou volta o sentido do papel para que, agradando, salve unicamente a sua personalidade. E a peça sai muitas vezes uma coisa diferente do que o escritor escreveu!

A peça agradou e os aplausos estrondeiam. O actor sorri, mesmo que o papel revista a grandeza duma tragédia, de Eschylo e agradece, sem que se importe de rasgar a sequência da acção.

Não haverá meio de corrigir esta situação de lastimosa anti-civilização em que vivem público e artistas?

*Nogueira de Brito.***CLINICA DENTARIA****Afra da Costa**

CIRURGIÃO DENTISTA

**DOENÇAS DA BOCA E DENTES**

Dentes artificiais—Coróas de ouro

Pontes (bridge work)

Aberto das 10 às 12 e das 14 às 20 horas

INSTALAÇÃO PROVISÓRIA

**C. da Ajuda, 183, 1.º — LISBOA****DURA LEI***(Continuado da 5.ª página)*

descobriu, numa das ruas da baixa, casa com os necessários prediados.

Digo *futuro associado*, porque o Fabião é que ia despendendo os capitais para as indispensáveis despêsas, e, embora ligados por escriptura que os tornava participantes nos lucros em determinadas proporções, o outro reservava a sua entrada de capital para quando daí a poucos meses — afirmava — se liquidasse enfim a decantada herança.

No dia em que a pequenina Júlia — assim quizera o avô que a pequena se chamasse — completava os seus três anos, abriam-se ao público, com solenidade, as portas do novo estabelecimento, que os jornalistas convidados para o Porto de Honra, exaltaram no dia seguinte em pomposos reclamos.

O Júlio ouviu os conselhos do pai, e, embora com certa relutância, decidiu-se a trocar a liberdade por aquela prisão, de que todavia achava frequentes pretextos para se ausentar, com manifesto desgosto do Fabião.

Toda esta transformação operada na vida da família, não logrou jámais a simpatia de D. Eufrásia. Por isso, a não ser para o filho e para a neta adorada, com a qual se desentranhava em afagos, algumas vezes misturados de lágrimas sem justificação aparente, a boa senhora tornára-se irracional e quasi intratável.

Deu-lhe lugar a que a Adélia, numa ocasião em que estava sendo acerbamente censurada por qualquer acto incorrecto, resolvesse abandonar a casa, porque, — dizia ella — já não tinha paciência para aturar a velha.

E foi-se. Soube-se depois que deixara de servir, e estava *senhora* em casa dum cavalheiro lá para os lados do Dafundo.

*(Continua)***A SOCIAL DA AJUDA**

DE

**Fernandes & Nobre, L.<sup>da</sup>****FANQUEIRO, RETROZEIRO E MODAS**

Especialidade em tecidos de algodão

**SEMPRE NOVIDADES****VARIED DE EM ROUPARIA BRANCA**

para senhoras, homens e crianças

**PREÇOS MÓDICOS**

Esta casa, quando não possa vender qualquer artigo mais barato, acompanhará sempre os preços de qualquer outra congénere.

**T. da Boa-Hora, 25-C — AJUDA****O BALNEARIO**

Vai-se intensificando o movimento neste útil estabelecimento, principalmente aos domingos, o que prova a necessidade que ha muito sentiam os habitantes da nossa freguezia, de aqui terem local apropriado para, higienicamente, poderem viver.

Esse movimento, temos a certeza, aumentará á medida que fór conhecido o estabelecimento e os benefícios que se obtem do uso cotidiano do banho

Mas já que falamos neste assunto, seja-nos permitido lembrar uma pequena aspiração dos habitantes da nossa freguesia, e que se resume ao seguinte:

Sendo a população da Ajuda constituída por uma grande maioria de trabalhadores, poderia o balneario estar aberto ao público, depois da saída dos trabalhos, principalmente aos dias de semana.

Quanto ao conforto, sabemos que se está tratando da aquisição de cadeiras, espelhos e cortinas de oleado, necessários nos chuveiros.

**LIBREIRO, L.<sup>DA</sup>**

Travessa da Boa-Hora 22 e 24 — Telefone B. 427

**LISBOA****Gêneros alimenticios de primeira qualidade**

Louças de esmalte e vidros ..... Vinhos finos e de mesa

LICORES E TABACOS

**Amândio C. Mascarenhas****SERRALHARIA MECANICA E CIVIL E FERRARIA  
SOLDADURA AUTOGENIA**

Construção aperfeiçoada de fogões em todos os sistemas  
 e portas de fornos. Reparações em motores e máquinas de vapor  
 e instalações electricas

**R. Mercês, 104 (Ajuda)—LISBOA Telef. B. 496**

# ESPLANADA PORTUGAL

## JUNTO AO SALÃO PORTUGAL

Sábado, 4: TERRA ABRAZADORA, PAIETA ALEGRE, e outros filmes.

Domingo, 5: FRA DIAVOLO, com Estica e Bucha, VIVA A LEGIÃO! e outros filmes.

Dia 6: O EXPRESSO N.º 12 e O REI DOS CAVALOS.

Dias 8 e 9: ENTRE A CRUZ E A ESPADA e O BANDIDO MASCARADO, com J. Mojica.

Dia 11: OLGA, A DANÇARINA VERMILHA, e A MULHER DO CANÁRIO.

Dia 12: O PARQUE CENTRAL e TUDO POR AMOR, com Jan K pura.

Dia 13: COMO TU ME DESEJAS, com Greta Garbo.

Dia 15: O SEGREDO DO MAR e O EXPRESSO DA SEDA.

Dia 19: SIN ONIA NCOMPLETA e O AMIGO DO PERIGO.

PREÇOS POPULARES — 1\$00, 1\$50, 2\$00 e 2\$50.

## EXPLENDIDO SERVIÇO DE BAR AOS PREÇOS CORRENTES

Aparelhagem sonora KLANGFILM TOBIS, ultimo modelo, propriedade da Empreza, de grande pureza e nitidez de som

NINGUEM DEIXE DE VISITAR A

ESPLANADA PORTUGAL - T. da Memória - Ajuda

## II EXCURSÃO ANUAL

promovida por

“O Comércio da Ajuda”

É finalmente no próximo domingo que terá início a excursão promovida pelo nosso jornal, e que, como os nossos leitores sabem, irá visitar, nos dias 12 e 13, Torres Vedras, Caldas da Rainha, S. Martinho do Porto, Nazaré, Alcobaça, Batalha, Leiria, Fátima, Tomar e Santarém.

O interesse dos nossos leitores pela excursão tem-se manifestado nos últimos dias amplamente, com a inserção de muitas pessoas, dos mais diversos pontos de Lisboa.

A partida efectuar-se-há da Calçada da Ajuda, 176, pelas 6 horas fixas de domingo, 12, havendo pequenas paragens na Avenida 24 de Julho, Cais do Sodré, Rossio e Praça Duque de Saldanha, para receber os excursionistas das proximidades daquelas locais.

A excursão será acompanhada pelo grupo ajudense «Os 5 Caturras», proprietários da muito conhecida «D. Elvira», e, em motocicleta, pelo desportista, nosso redactor, sr. Afonso Aço.

Atendendo alguns pedidos que nos foram feitos, resolvemos prorogar até terça-feira, 7, inclusivé, o prazo para a inserção de excursionistas, podendo estes, na quinta-feira 9 e dias seguintes, comparecer na Calçada da Ajuda

16, afim de receberem o seu bilhete de passagem e tirem, por sorteio, o seu lugar nos respectivos carros.

Por correspondencia trocada com o Grande Hotel e a Pensão Lis, de Leiria, podemos informar os excursionistas de que estão assegurados os alojamentos naquela localidade, a preços muito acessíveis.

## Instalações electricas

EXECUTA

**Américo Heitor Dias**

ELECTRICISTA

PEDIDOS á Calçada da Ajuda, 167-169, Telef. B. 552, onde serão atendidos com a máxima urgência

## Laboratórios FARMACIA SILVA

Director técnico: JOÃO ALVES DA SILVA, Farmaceutico pela Escola de Lisboa

25, Rua dos Quarteis, 27 — LISBOA — Telef. B. 377

Empolas de todos os medicamentos injectaveis  
Serviço de pensos esterelizados para OPERAÇÕES E PARTOS

SOROS, SÉDAS, CATGUT, DRENOS, CRINAS, LAMINARIAS, ALGODÓE, GAZES, COMPRESSAS, TAMPÕES, LIGADURAS, ETC., ETC.

Depósito geral dos PRODUTOS LASIL:

**Xarope Tiocol «Lasil»** — Empregado contra tosses rebeldes e infecções pulmonares.

**Cinacol**, empolas — Medicação artificial, indolor, para o bacilo de Kock.

**Antineuralgia**, comprimidos — Neuralgias, dores de cabeça e dentes, constipações, insónias por excesso de trabalho, etc.

**Balsamo Analgesico «Silva»** — Empregado no tratamento do reumatismo, gôta, contusões, etc.

**Calcio «Lasil»**, empolas e gôtas, medicamento calcico, injectavel.

**Xarope «Peitoral de Cereja»**, de composição inteiramente vegetal, calmante das secreções bronquiais.

CONSULTAS MÉDICAS DIARIAS

pelos Ex.ªs Srs.

Dr. Virgilio Lopes de Paula — ás segundas, quartas e sextas-feiras, ás 14 horas.

Dr. João Pedro de Faria — ás segundas, quartas e sextas-feiras, ás 10 horas.

Dr. Julio de Carvalho — ás terças, ás 9 h.

Dr. Schiappa Monteiro — ás terças, quintas-feiras e sábados, ás 14,30 horas.

Dr. Manuel de Lucena — ás terças-feiras ás 16 horas

Dr. Manuel Henriques Leitão — Todos os dias ás 18 horas.

Avia-se recettuario de todas as Associações  
SERVIÇO NOCTURNO A'S QUINTAS-FEIRAS  
Especialidades nacionais e estrangeiras